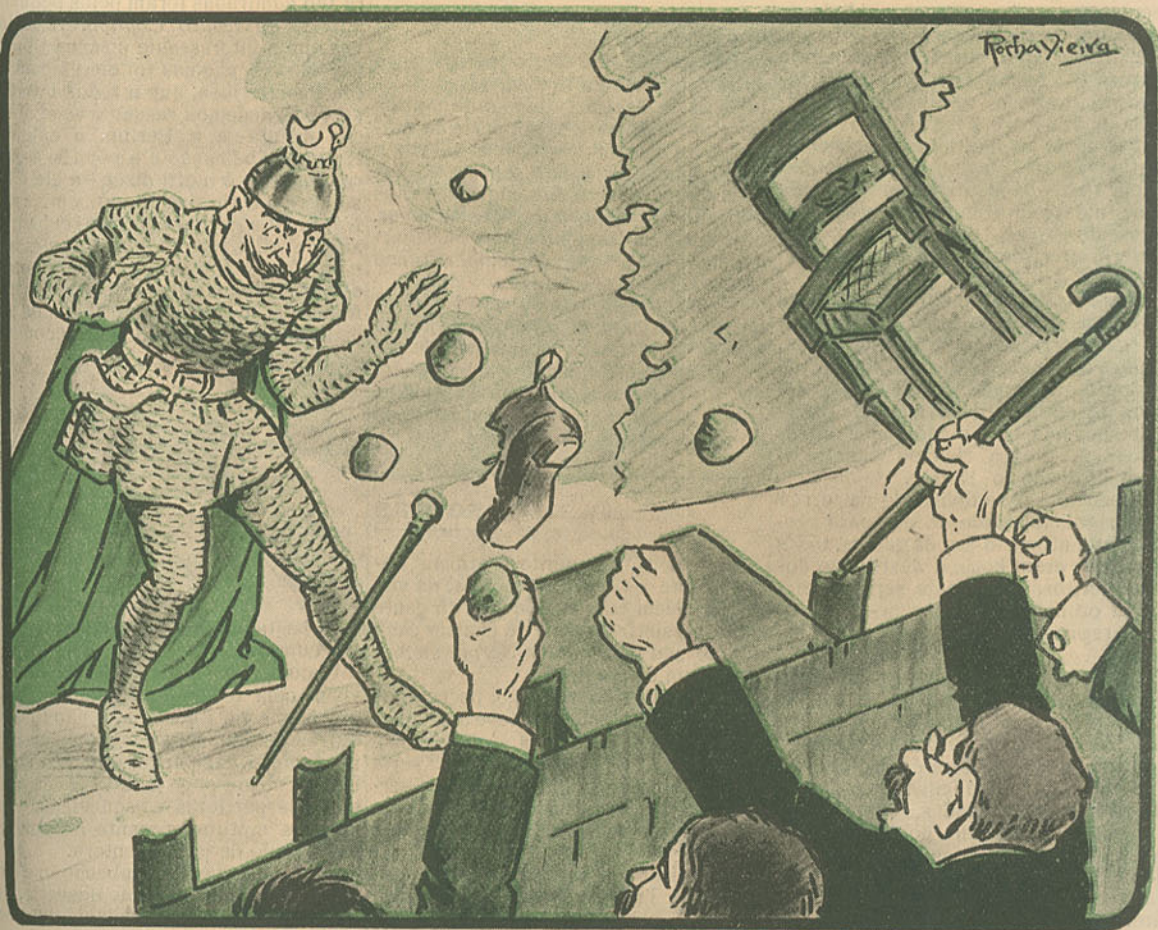




Redação, Administração e Oficinas—R. do Seculo, 45—Lisboa

## O ultimo ato



O LOHENGRIN DE PECHISBEQUE:

— Tive um *sucesso!*





## PALESTRA AMENA

## A mentira

A mentira! Eis aí um termo cuja significação parece paradoxal, contraditória da sua própria definição. N'um livro celebre, que encerra profunda filosofia sob forma amena, para vulgarização infantil, acentua-se o que dizemos, figurando um animal selvagem que se encontra com um homem civilizado e lhe declara a sua confusão ao ouvir uma mentira:—Pois se a palavra é a expressão do pensamento, diz o animal, como pode ela exprimir exactamente o contrario do pensamento?

Tal ignorancia não se dá, porém, nas sociedades cultas, onde não só toda a gente pode definir com precisão o termo mentira, mas também a mentira é aceite sem repulsão, dando-se até o extranho facto de muitas vezes ser tão bem ou melhor recebida do que a verdade. No entanto, quantos males, quantas catastrofes não devem attribuir-se á mentira, por mais innocente que pareça, por mais inconsequente que se afigure aos seus autores, que nem sempre a lançam por maldade ou proposito de prejudicar!

E' certo que ella frequentemente aparece tão bem disfarçada, tão vistosamente dourada, que se lhe não advinha o veneno e a traição occultos no fundo; então as multidões recebem-na confiadamente, afagam-na, saboreiam-na por todos os atractivos que aparenta e se n'esse momento a verdade se apresentasse em contraposição, esta correria o risco de ser por todos repelida.

Querem um exemplo flagrante das desgraças que a mentira pode produzir? A guerra que acabamos de sofrer. O que a originou senão a mentira alemã, a impostura, acreditada pelo povo alemão, de que era destinado pela divindade suprema para mandar nos outros povos? A creença ridicula em que tinham educado o Kaiser, de que elle representava essa divindade na terra? A horrivel falsidade de que para vencer, para atingir o fim da guerra, todos os meios eram bons, a destruição dos monumentos, a morte de seres indefesos, a calunia, a espionagem—todos os actos reprovados pela consciencia humana?

E a mentira criada pela ganancia, explorando a boa fé alheia, semeando alegrias antes de tempo, a contar com uma absolvição certa porque a alegria é naturalmente piedosa e absolutoria? Tão de reprovar é essa mentira, a que produz calamidades, como a que se arrisca a produzir contentamentos extemporaneos, porque a falsidade reside na propria essencia da mentira, como acto que repugna á lealdade de carater e á confiança dos desprevenidos.

Com os ultimos acontecimentos, com a paz em via de realisação e com a reprovação geral por atos impensados, terá chegado ao fim o reinado da mentira? Esperemo-lo, para honra de alguns e socego de todos nós.—J. Neutral.

## Substituido

Sempre o esperámos. Não se lembram de termos revelado que sua santidade Benedito XV envergara uma armadura, a fim de estar prevenido para quando o ministro portuguez junto do Vaticano se lhe apresentasse com as competentes credenciaes? Pois nem assim o susto desapareceu entre os conselheiros do papa, os quaes, havendo apalpado a dita armadura e experimentado a consistencia dos mais duros metaes que se podem usar como defensivos, reconheceram que o chefe da



Egreja estava em serio perigo se a entrevista viesse a realisar-se.

De aí a decisão, depois de muitos esforços diplomaticos por parte da santa Sé, de mandar recolher a Lisboa o sr. Feliciano da Costa sem se avistar com o papa, facto que algum menos assisado attribuiu a um desvio do sr. presidente da Republica para a esquerda, depois d'aquelle decidido arranco para a direita.

A medida, pelo que se vê, não foi de ordem politica nem religiosa. Trata-se apenas de defender a integridade papal, fisicamente falando — como quem diz, o cavername de sua santidade, contra algum murro mais entusiastico do representante de Portugal.

## Escritas

Um colega, que muito prezamos, escreve que os servios (*serbios*, na sua grafia) vêm com magoa «muita gente culta persistir no erro de chamar *Servia* ao seu paiz porque *Servia* sugere uma ideia de servidão».

Com o devido respeito, parece-nos que o referido colega esteve a chuchar com a sociedade. *Servia* só dizem, provavelmente, os portuguezes e seria realmente extraordinario que os servios se preocupassem com a nossa maneira de escrever o nome da sua terra.

A aceitar o reparo, também as mulheres da Turquia se zangariam muito por lhes chamarmos turcas, em vista da significação que aqui tem, em calão, a palavra *turca*.

E que diremos dos peruvianos? Provavelmente acham-se indignados porque os consideramos filhos do *Peru* e eles não teem monco...

## DE FÓRA

## A epidemia esperantista, lagocita da epidemia pneumonica

*Similia similibus curantur.*

*Despreso essas medidas profilaticas, pois tornam us pessoas mais raquitas á força de chupar coisas mefíticas, que custam boa massa e não são praticas.*

*Eu, não; olho as pessoas mais cismáticas e rio-me fazendo as minhas criticas: «Vocês andam do cacó parafíticas, por isso armam assim em sorumbáticas.»*

*Eu n'este mez e meio de pneumónica, em vez de pensamentos diuréticos, li com olhos de ler a lingua sónica.*

*E podem já saber os srs. céticos, que fez tão grande efeito como tónica que a passo a recitar aos meus caquéticos.*

Dr. Esdruxolo Esperantista.

## Manecas triunfante

Terminou a missão do Manecas, cujas proezas durante os anos da guerra tão admiradas foram pelos pequenos leitores do *Seculo Comico*. A ultima vez que a interessante criança figurou nas nossas paginas foi em viagem aerea e misteriosa, que a todos intrigou; agora já podemos rasgar o veu: Manecas dirigiu-se a Berlim, a exigir do Kaiser a abdicación e a pôr fim á guerra, porque—é inutil dizer—a ele é que se deve o definitivo triunfo, embora lofre, Foch e outros heroes o tenham auxiliado eficazmente com a sua sciencia e com os seus exercitos. Completaram a obra diplomatica e estrategica do Manecas, o qual, como todos os verdadeiros valentes, não pede recompen-



sas, bastando-lhe a consciencia do dever cumprido.

Recolhe, pois, á modestia do seu viver, com os manos Quim e Manequinhas, a tia Leocadia, o cão Piloto e outras entidades que o acompanharam na famosa campanha, julgando-se sufficientemente pago pela união de todos os bons patriotas e esquecimento dos agravos mutuos, perante o magnifico espetáculo da paz redentora.

Comtudo, fique-se sabendo que Manecas, ao menor sinal de desvario, que venha perturbar a harmonia que deve reinar de futuro, de novo acudirá com suas traças e agudezas destemidas, iniciando e seguindo outra campanha tão gloriosa como a que acaba de percorrer.

Viva o Manecas!



**Explicando**

Afinal de contas, ao que explicam da Alemanha, o odio universal contra os boches provem d'um mal enten ido. As barbaridades que se lhes teem atribuido não passaram de inocentes brinquedos, sem o menor desejo de prejudicar fosse quem fosse.

Não pelas palavras que empregamos, mas por outras que levam as mesmas voltas, os jornaes alemães esclarecem:

1.º — Os gazes falsamente denominados asfixiantes tinham por fim animar os aliados, auxiliando-lhes a circulação arterial; se alguns casos houve de asfixia devem atribuir-se apenas a absorção demasiada, da qual os boches não tiveram culpa nenhuma.

2.º — Os incendios não tinham tal como fim a destruição, mas sim o alegrar o inimigo com fogueiras vistosas, como as que se costumam fazer pelo S. João, ás quaes nunca foram atribuidos os menores maliticios.

3.º — O bombardeamento noturno de Paris era inocentissimo; destinado unicamente a conservar os parisienses vigilantes, precisamente para se precaverm contra surpresas desagradaveis.

4.º — No que diz respeito particularmente a incendios de bibliotecas, ex-



plicam os boches que se os ateavam era para queimar os livros obscenos; fim exclusivamente moral, ao que se vê.

5.º — Se eliminaram muitas mulheres e crianças não foi por crueldade, mas, ao contrario, por medida filantropica, qual a de lhes evitar as dôres da viuvez e da orfandade, visto que os respetivos maridos e pais haviam sido victimas da guerra.

Assim justificados os pobres alemães, que a calunia não tem poupadão, e peram que nas condições da paz sejam levados em linha de conta estas atenuantes, das quaes a boa intenção resalta sem sombra de duvida.

**Antecipações**

A proposito :

A esposa de Sinfronio Pisco está para dar á luz e no quarto proximo o dito Sinfronio espera a noticia com ansiedade. A parteira e o medico assistem preparados para o que vier. De su-

**EM FOCO****RODRIGUES ALVES**

*E' do Brazil o novo presidente,  
Motivo pelo qual eu felicito  
Não só o cavalheiro supradito  
Como tambem a brasileira gente.*

*E visto que o Brazil está contente,  
Na minha terra, Portugal bemdito,  
Reina egualmente um jubilo infinito,  
Irmão que o mesmo goso e pena sente.*

*Se um nome se apregôa em cada praia,  
Logo a voz o transmite, amiga e lesta,  
Deposta pela onda que desmaia;*

*Se ha festa no Brazil, em nós ha festa;  
Rodrigues, canta o rouxinol na faia,  
Sidonio, o sabiá pela floresta...*

Belmiro.

bito, como os gemidos da parturiente sejam mais intensos e outros sinais se manifestem da aproximação do parto, a comadre, mortinha por apanhar a gratificação que o Sinfronio oferecia a quem lhe desse em primeira mão a noticia certa da sua paternidade, abre a porta da comunicação entre os dois apesentos e exclama :

— Já é pae, sr. Sinfronio !

Este dá um pulo de imensa satisfação, corre ao quarto da esposa, olha, não vê o desejado pimpolho e percebendo que foi enganado tem uma sincope. O medico acode-lhe e é quando ele desperta, de aí a uma hora, que o parto se realisa...

O contentamento subsiste, mas poder-se-ia ter evitado a sincope, se o Sinfronio tem refletido que a comadre era useira e veseira na mentira.

O Alfredo, amanuense das Subsistencias e Transportes, estava apaixonadissimo pela D. Zulmirinha, que por sinal parecia não lhe corresponder; pelo menos, não respondera até então a 16 missivas cheias de protestos de eterno amor, que ele lhe tinha mandado pela criada da dita menina, a Eugenia. As cartas voltavam sem ser abertas e o Alfredo desesperava-se de cada vez que a sopeira lh'as entregava, dizendo invariavelmente :

— A menina não quiz receber.

Ora um dia a Eugenia, que de cada recado recebia cinco tostões do namorado mancebo, percebeu que a gorgeta seria muito maior se a resposta o satisfizesse. E então, metendo na algibeira a carta mais uma vez devolvida, disse ao Alfredo das Subsistencias e Taansportes :

— A menina recebeu a carta, leu e diz que está pronta a casar com vossa excelencia.

Ceus! O Alfredo, meio maluco, deu uma nota de cinco mil réis á rapariga e correu á rua da sua deusa, a qual por acaso se encontrava á janela.

— Obrigado! gritou ele, cá de baixo.

— Por quê? perguntou a Zulmirinha.

— Por ter lido a minha carta e dito que me correspondia.

A Zulmirinha :

— Não li nem disse nada. Passe por cá amanhã.

No dia seguinte efétivamente a pe-



quena humanizou-se e declarou ao amauense das Subsistencias e Transportes que lhe aceitava a côrte e este sentiu de novo uma grande alegria. No entanto, de aí para o futuro ficou tendo a Eugenia como refinada intrujona e nunca mais lhe deu gorgetas, porque lhe deveu 24 horas de sobresaltos e duvidas,

**Côrtes justificados**

Recortamos d'um jornal:

«Vindo de Moçambique chegou ao Tejo o vapor da Empreza Nacional de Navegação, com escala pelo Cabo da Boa Esperança.

«A bordo do vem um importante carregamento de productos coloniaes.

«Tambem entrou no Tejo o vapor da carreira dos Açores com 86 passageiros.

«Entraram ainda os vapores com carregamento de carvão de Cardiff, o portuguez de Dakar, com semente de purgueira, de Gibraltar, com carga diversa.»

Ora isto foi publicado, com espaços em branco e tudo, oito dias depois de assinado o armistício, pelo que se vê que todas as precauções são poucas n'esta melindrosa occasião.



## A abertura do Parlamento



—O' Zé: que barulho é aquele? E' força de oratoria?

—Não, senhor; é força de murro!